

# O ESCRAVO ABAYOMI

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a estória do pequeno escravo Abayomi que viveu em Vila Rica durante o ciclo do ouro e das pedras preciosas, atuou nos bastidores da inconfidência mineira com Tiradentes, ouviu Tomás Antônio Gonzaga declamar seus versos para Marília, ajudou Aleijadinho, foi aliado de Chico Rei. Desperta a curiosidade da criança no estudo da história do Brasil. Baseado em fatos reais da história do Brasil, o livro conta a luta de Abayomi para encontrar seu pai e por sua liberdade. No final, tudo não passou de um encantador sonho infantil.*

João José da Costa



## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Amanhecia na cidade de São João Del Rey. Na noite anterior chovera torrencialmente. Os campos de milho e café agradeciam exibindo, ainda, as gotas de água em suas folhas que brilhavam ao sol como cristais.

Os caminhos para as fazendas estavam encharcados. O barro estava presente por toda a parte, dificultando sobremaneira a passagem das carroças.

Ao longe, uma solitária carroça procurava cruzar a estrada de terra, tendo à frente dois potentes cavalos, um velho e experiente carroceiro e dois escravos.

Entre eles, o pequeno Abayomi.

- Mãe, para onde estamos indo? Por que estamos carregando nossas coisas? Não vamos mais ficar na fazenda?
- Fale baixo, Abayomi, escravos não podem conversar quando estão sendo escoltados!
- Mas, para onde estamos indo mãe? Insistiu Abayomi em tom mais baixo de voz.
- Abayomi, eu só tenho uma certeza - para a fazenda não voltaremos mais! Agora, fique calado se não quiser ser chicoteado!

Abayomi e Kayla deixaram a senzala da Fazenda Campo Verde na cidade de em São João Del Rey, Minas Gerais. Kayla havia trabalhado na fazenda por quinze longos anos, dedicando-se aos mais variados afazeres da casa, em especial, cozinhar para a família do Barão Torres, grande fazendeiro produtor de café.

A Baronesa Anna, apesar de rude e exigente, sempre gostou do trabalho de Kayla. Mas, após a fuga de Lutalo, pai de Abayomi, a convivência foi ficando cada vez mais difícil. Além disto, a Baronesa estava ficando um pouco cansada das comidas preparadas por Kayla e achava que ela também estava ficando velha. Porém, ela, ainda, tinha idade ainda para ser vendida.

Assim, Kayla e Abayomi não interessavam mais aos seus donos, não era mais conveniente mantê-los na fazenda. Os donos dos escravos compravam e vendiam seus escravos sem grandes constrangimentos ou emoções. Era como vender ou comprar cavalo ou bois.

Enquanto, a carroça os levava para a cidade, o vazio em seus olhares mostrava a desesperança e o medo de seus destinos.

A carroça parou próxima à Ponte de Pedra. O capataz ordenou que saíssem, mostrando-lhes o banco de pedra, no meio da ponte, onde deveriam permanecer sentados e aguardar. Outros escravos, aos poucos, iam chegando e completando os lugares no duro e frio banco.

Agora, Kayla não tinha mais dúvidas. Já estivera neste local antes. Um novo pregão de escravos deveria ocorrer e novos donos determinariam novos destinos para eles.

- Abayomi, vamos ser vendidos para novos donos. Oxum há de nos proteger e nos manter juntos, meu filho.

Kayla estava resignada. Afinal de contas, resignação era a condição para sofrer menos e se manter vivo entre os escravos. Mas, ela sentia sair da fazenda, onde já se acostumara com a lida diária e com os seus donos, apesar de muito severos.

Entretanto, Kayla sentia que, depois da fuga de Lutalo sua tristeza ficou maior e isto devia ser a causa para seu dono querer vendê-la e, também, seu filho.

A Ponte de Pedra era o local onde se realizavam os leilões de escravos da cidade. Do lado esquerdo da ponte, um banco era reservado para os escravos e do lado direito outros dois bancos eram reservados para os barões vendedores e barões compradores.

Kayla, enquanto esperava, lembrava-se do momento em foi fora comprada há quinze anos, juntamente com Lutalo, pelo Barão Torres. Era um jovem e forte casal. Seu dono anterior conseguira um bom preço. Lutalo foi para lida do campo e Kayla para a lida doméstica.

Mas, agora, a situação era um pouco diferente. Ela era mais velha e com o estigma da fuga de Lutalo e Abayomi, ainda uma criança, inútil para o trabalho pesado nas fazendas.

Os escravos que aguardavam já somavam vinte e cinco, entre eles Kayla e Abayomi. Depois de algumas horas de espera sob sol forte e inclemente, chegaram os barões compradores e vendedores em suas carruagens. Os barões compradores arremataram primeiramente os escravos homens, mais novos e fortes.

Ao final, sobraram Kayla e Abayomi, juntamente com quatro escravos mais velhos, para os quais não apareceram compradores.

Entretanto, um comprador de Vila Rica interessou-se por Kayla somente. Tinha trabalho para ela na casa de um aristocrata da cidade. Kayla abraçou Abayomi, protegendo-o e em sinal de recusa. Porém, foi violentamente separada de Abayomi, que chorava.

Porém, este comprador ainda permanecia no banco e observava Kayla e Abayomi atentamente e pensava: ‘Eu não me engano com escravos. Creio que a mocamba e o moleque poderão servir muito bem ao Doutor Tomás’.

Assim, resolver fazer uma oferta:

- Se você vender os dois escravos por \$ 500 (quinhentos réis), eu os compro!

O pregoeiro limitou-se a olha para o Barão Torres, dono dos escravos, que acenou negativamente com a cabeça discordando.

- Senhor, os escravos são seus por \$ 600 (seiscentos réis).

- Eu os compro por \$ 500. Esta é minha oferta final!

Já se fazia tarde. O Barão Torres queria voltar logo para a fazenda. Era um longo caminho pela frente e a ameaça de novas chuvas aconselhava uma decisão mais rápida. Assim, acenou novamente com a cabeça, desta vez, concordando.

O pregoeiro, assim, arrematou:

- Senhor, os escravos são seus por \$ 500!

Uma longa viagem rumo à cidade de Vila Rica marcaria outro destino para ambos, principalmente para Abayomi.

As carroças levavam vários escravos e eram acompanhadas de tropeiros, guiados pelo capataz Diogo e vários peões. Diogo havia comprado os escravos, por encomendas especiais de barões e aristocratas de Vila Rica, e rumava pelas estradas sinuosas de terra pelas montanhas entre São João Del Rey e Vila Rica.

Levaria alguns dias para chegar a novos destinos em suas vidas. No caminho, Kayla e Abayomi ora sentavam na carroça, dura e barulhenta, ora procuravam dormir um pouco, sendo frequentemente acordados pelos solavancos do terreno acidentado. Eles ouviam ao longe a conversa de Diogo e seus peões:

- Senhor, esta é a quarta viagem do ano! Vamos voltar, ainda, para comprar mais escravos?

- Tomara que sim! Este é um dos bons negócios que tenho. Vila Rica está crescendo muito. Estão vindo pessoas do norte ao sul do Brasil, até da Coroa. Estão se descobrindo ouro e pedras preciosas por toda a parte. Nas montanhas, nos rios, o ouro brota da terra! Muitos escravos serão necessários para a lida com a exploração do ouro. Agora, descobriram pedras pretas nos rios que são ouro puro coberto por uma fina camada de ferro preto. Dizem que têm milhares destas pedras nos rios. Estas pedras estão sendo chamadas de ouro preto.

- E para onde vão a mocamba e o moleque?

- Ah, esta é uma encomenda especial para o amigo Doutor Tomás. Espero que ele goste destes escravos. Ele não tem se dado muito bem com as escravas da casa, principalmente com a comida que fazem.

- Doutor Tomás, senhor? O Ouvidor Geral da Comarca de Vila Rica?

- Este mesmo! Este mesmo.

Kayla olhou para Abayomi, cochichando:

- Pelo que ouvi do senhor Diogo, estamos indo trabalhar na casa deste senhor Tomás e para a sua cozinha!

Kayla era uma excelente cozinheira. Havia aprendido preparar comidas mineiras, combinando com temperos típicos africanos, dando um sabor inigualável aos seus pratos.

Sentiu, assim, um alívio e uma segurança. Abraçou Abayomi e dormiu profundamente por horas seguidas, aproveitando este momento de paz. Por um instante pensou: Onde estará Lutalo?

Lutalo ficou na fazenda Campo Verde por mais ou menos seis anos, era um grande trabalhador do campo e centenas de pés de café cresciam graças ao trabalho de suas mãos e a rega de seu suor.

Entretanto, quando Kayla ficou grávida de Abayomi, Lutalo começou a questionar a sua vida de escravo e pensava no futuro do bebê que viria, sem saber se seria homem ou mulher.

Mas, uma coisa ele tinha certeza - não gostaria de ver o seu filho ou filha como escravo. Suas mãos calejadas diminuíram o ritmo de trabalho, seu suor já não era mais suficiente para o duro trabalho de plantio dos pés de café.

Isto começou a ficar transparente para o Barão Torres. Lutalo não somente começava a ficar desinteressante para o trabalho escravo como passou a ser uma ameaça, contaminando o espírito dos demais escravos.

O Barão Torres, homem severo e dono de mais de cem escravos, não hesitou em castigar Lutalo e, por várias vezes, o amarrou no pelourinho, aplicou-lhe chicotadas, deixou-o sem comer.

Em uma madrugada, Lutalo desapareceu da fazenda, enquanto Kayla dormia com as mãos em sua barriga protegendo o filho que Lutalo não conheceria.

Kayla nunca mais viu Lutalo.

Finalmente, os escravos chegam a Vila Rica e, imediatamente, Kayla e Abayomi foram levados à casa do senhor Tomás:

- Caro senhor Tomás, aqui estão os escravos que Vossa Mercê nos encomendou! É uma saudável mocamba e um moleque forte e ágil, disse Diogo.

O senhor Tomás olhou ambos os escravos por alguns segundos, tendo concentrado um olhar profundo e carinhoso em Abayomi.

- Creio que dará tudo certo. Estou cansado de comprar e vender os meus escravos. Espero que esta mocamba dê certo na lida da cozinha. O moleque me será muito útil como mensageiro, desde que eu possa confiar nele. Mostre-lhes a senzala e hoje mesmo, mocamba, vou experimentar o seu jantar!



O senhor Tomás vivia só, cercado de escravos, em um grande casarão, onde passava a maior parte do tempo em seu gabinete trabalhando e escrevendo versos e cartas.

Abayomi procurava ser agradável e, em silêncio, acompanhava a rotina do senhor Tomás. Ora ele estava escrevendo, ora mantinha longas conversas com amigos que o visitavam com frequência. Estas conversas eram mantidas em voz muito baixa e Abayomi não ouvia nada. Mas, o que mais atraía a atenção de Abayomi era quando o senhor Tomás escrevia. Ele se transformava. Seu rosto e olhos se iluminavam. Olhava para o alto, pensando profundamente, e voltava a se debruçar na folha de papel.

Abayomi ficava admirado e curioso em saber o que era escrever e como outra pessoa podia entender o que o outro escrevera. Era para ele como conversar através do papel. E, em uma destas ocasiões, Abayomi se atreveu a interromper o senhor Tomás.

- Sinhozinho, posso lhe trazer água ou café? Perguntou Abayomi, encostando-se assustado no batente da porta, enquanto o senhor Tomás concentrava-se em um trabalho.

- Sim, parece uma boa ideia! Vá correndo moleque.

Enquanto Abayomi saía apressado em busca do café e da água, Tomás acompanhava seus passos rápidos, esboçando um sorriso carinhoso.

- Este moleque parece esperto e confiável. Creio que poderá me ser muito útil.

Abayomi não tardou com o café e a água e, para sua surpresa, o senhor Tomás pediu-lhe que sentasse ao seu lado, dizendo:

- Moleque, fiz estes versos para uma pessoa muito especial. Quer ouvi-los?

Abayomi não sabia o que eram versos, nem tampouco conhecia a pessoa especial, mas acenou afirmativamente com a cabeça. O senhor Tomás pegou a folha de papel, com a tinta ainda fresca, onde acabara de escrever uma de suas liras.

Ele leu, pausada e romanticamente, para Abayomi:

Lira XXI

Não sei, Marília, que tenho  
Depois que vi o teu rosto;  
Pois quanto não é Marília  
Já não posso ver com gosto.  
Noutra idade me alegrava,  
Até quando conversava  
Com o mais rude vaqueiro.  
Hoje, ó bela, me aborrece  
Inda o trato lisonjeiro  
Do mais discreto pastor.  
Que efeitos são os que sinto!  
Serão efeitos de Amor?  
Saio da minha cabana  
Sem reparar no que faço;  
Busco o sítio aonde moras,  
Suspendo defronte o passo.  
Fito os olhos na janela  
Aonde, Marília bela,  
Tu chegas ao fim do dia;  
Se alguém passa, e te saúda,  
Bem que seja cortesia,  
Se acende na face a cor.  
Que efeitos são os que sinto!  
Serão efeitos de Amor?

- Que lindo senhor! Que lindo! Algumas palavras eu não consegui entender, mas pude sentir que são palavras do mais puro amor à Marília, senhor. Tenho a certeza que ela ficará muito contente e apaixonada!

Tomás surpreendeu-se com o entendimento e a inteligência de Abayomi, esclarecendo:

- Abayomi, estes versos são para a minha querida musa inspiradora Maria Aparecida de Seixas, uma linda jovem pela qual estou perdidamente apaixonado!

- Mas, por que Marília, senhor, se o nome dela é Maria Aparecida Seixas?

- Este é um segredo nosso. Precisamos manter este nosso amor secreto. Para mim ela é Marília, para ela eu sou Dirceu, entendeu?

- Não, senhor. Desculpe, mas não entendi. As pessoas que se amam não devem se ver e tornar público este romance?

Enquanto olhava o senhor Tomás profundamente nos olhos, Abayomi pensou: Amor secreto! Será que Dona Maria Aparecida de Seixas é casada? Ou será que a família dela é contra este namoro? Bem, isto não interessa. É assunto dos dois!

- Abayomi, há coisas na vida que você somente vai entender mais tarde. No momento, esta é a situação mais conveniente para mim e para ela. A propósito, ela estará na comarca amanhã. Você vai levar estes versos para ela. Tome o cuidado para que ninguém o perceba! Ela estará na Casa da Ópera amanhã às oito da noite.

- Mas, patrãozinho, como poderei saber quem é ela?

- Será fácil reconhecê-la. Ela é a mais linda jovem que estará no teatro!

Abayomi reconheceu pela primeira vez o peso de uma responsabilidade. Mas, como entrar na Casa da Ópera e entregar os versos para uma jovem que não conhecia. Abayomi suava frio e tremia nas pernas. Mas, se o patrãozinho estava confiando nele, ele não poderia falhar. Teria que encontrar um jeito de entregar o bilhete do senhor Tomás para a senhora Marília. Mas, como? Isto o torturou por muitas horas.

Na verdade, o senhor Tomás fazia, assim, um teste de confiança em Abayomi. Se ele passasse nesta primeira prova, poderia utilizá-lo muitas vezes para levar mensagens aos seus amigos, convidando-os para as suas reuniões secretas para tratar de um assunto muito importante, mas, muito importante mesmo...

Ao chegar à senzala, Abayomi se apressou em contar a Kayla a missão que o senhor Tomás acabara de lhe confiar:

- Mãe Kayla, como vou me aproximar da Casa da Ópera sendo um escravo e como vou identificar Marília de Dirceu? Será que ela é a única moça bonita em Vila Rica?

- Filhote, vá e deixe Oxum te guiar. Tudo dará certo. Simplesmente, vá! Agora, coma alguma coisa para dormir. Daqui a pouco temos que nos recolher à senzala.

Abayomi, como era de se esperar, mal conseguiu dormir naquela noite. Matutava como cumpriria esta importante missão confiada pelo Sinhozinho Tomás. Mas, uma coisa tinha como certa - não poderia falhar!

A senzala da casa era um quarto grande onde ficavam juntos todos os escravos da casa. Acomodavam-se em redes ou pelo chão, em improvisados colchões feitos de palha de milho ou palha de arroz. O ambiente era escuro.

Uma fraca chama de um pequeno candeeiro iluminava o quarto, até a escuridão total com o fim do óleo combustível. Abayomi procurava o abraço protetor de Kayla que, igualmente, sentia-se protegida com o seu abraço. E adormeciam, à espera de um novo dia.

Abayomi preparou-se o dia inteiro para o encontro com a senhora Marília e cumprir a importante missão. Ao entardecer, vestiu-se com uma roupa branca impecavelmente limpa por Kayla. Enrolou o papel com os versos do senhor Tomás, fazendo um canudinho que desapareceu entre os seus cabelos encarapinhados. No caminho, por intuição, colheu algumas flores em um jardim, levando-as consigo.

As carruagens começavam a chegar à Casa da Ópera, deixando pessoas ricamente vestidas.

As moças vestiam vestidos longos e chapéus que cobriam parte do rosto. 'Como vou descobrir Marília entre estas moças', pensou Abayomi. Algumas pessoas chegavam a pé e paravam à frente do teatro para cumprimentos e conversas.

A porta da Casa da Ópera era guardada por guardas sendo impossível para Abayomi pensar em se aproximar. De repente, olhando para as flores, ele teve uma ideia.

- Flores, flores de Antonio para Dolores, de João para Maria, de Pedro para Joaquina, de Dirceu para Marília!

Em seguida, Abayomi cantava cânticos africanos, chamando a atenção das moças que conversavam na calçada e paravam para olhar o pequeno escravo. Algumas chegaram a pegar uma flor, dando-lhe algumas moedas. Abayomi repetiu sua cantoria por algumas vezes e repetia o jargão:

- Flores, flores de Antonio para Dolores, de João para Maria, de Pedro para Joaquina, de Dirceu para Marília!

Mas, em vão. Desanimado, encostou-se na parede ao lado do teatro. Em dado momento, uma linda moça, morena, com olhos azuis da cor do mar, veio em direção de Abayomi:

- Eu quero as flores de Dirceu!

Em seguida, tirou um pequeno lenço perfumado de sua bolsa, beijou-o carinhosamente, dizendo:

- Leve para Dirceu, como prova de meu grande amor.

Parado, assustado, com os olhos arregalados para a linda moça, Abayomi perguntou:

- Vossa mercê é a Marília?

Discretamente, ela confirmou com um aceno de cabeça e retirou-se cheirando e beijando as flores, após ter recebido de Abayomi o canudinho de papel com os versos do senhor Tomás.

Abayomi saiu correndo em disparada, dirigindo-se à casa do senhor Tomás.

- Patrãozinho! Patrãozinho! Entreguei os seus versos para Marília. Ela pediu que lhe entregasse este lenço!

O senhor Tomás pegou o lenço perfumado, cheirou-o, leu as iniciais bordadas no canto M.A.S., confirmando a autenticidade.

- Abayomi, como você a reconheceu?

- Foi fácil, patrãozinho, foi muito fácil. Eu apenas entreguei os versos para a moça mais linda que estava no teatro! Respondeu Abayomi, retirando-se aos pulos e rindo de volta à sua senzala.

O Senhor Tomás via, atônito, o pequeno escravo, com os olhos negros e reluzentes, sumir nos corredores da casa.

Os meses que se seguiram foram de desenvolvimento de uma amizade entre o senhor Tomás e Abayomi. Em seus momentos de folga, o senhor Tomás ensinou Abayomi a ler e escrever, disponibilizando os muitos livros que tinha em sua biblioteca para que ele os lesse quando quisesse. Abayomi cresceu, assim, um escravo de boa cultura, passando a ser um grande auxiliar do senhor Tomás.

Abayomi, certa vez, enquanto arrumava o gabinete de trabalho do senhor Tomás pode ler no diploma afixado na parede:

‘Certificamos que o Dr. Tomás Antônio Gonzaga, filho do Dr. João Bernardo Gonzaga, brasileiro e de D. Tomásia Isabel Clark, portuguesa, nascido na cidade do Porto, em Portugal, em 11 de agosto de 1744 formou-se pela Universidade de Coimbra onde concluiu o curso de Direito’.

Abayomi, fazendo contas, entendeu que o senhor Tomás se formara aos 24 anos de idade. ‘Puxa, além de poeta é Jurista!’. Concluiu orgulhoso de seu patrão.

Abayomi via Vila Rica prosperar cada vez mais. Notícias de descobertas de muito ouro e pedras preciosas viam de todas as partes, principalmente nas proximidades de um maciço de pedra chamado pelos índios de Itacurumin, que significa Pedra Menina. Muitos forasteiros perguntavam: ‘É aqui As Minas Gerais?’, quando chegavam a Vila Rica.

Abayomi crescia e acompanhava o movimento dos aventureiros que chegavam cada vez mais à região, vindos de toda parte em busca do precioso ouro, incluindo milhares de portugueses que abandonaram sua terra natal. Casas rústicas e outras muito ricas, com beirais, estátuas e adornos, se espalhavam ladeira abaixo, pelos morros.

Abayomi via crescer o número de escravos na comarca, principalmente, para trabalhar na mineração do ouro.

Para trabalhar nas igrejas e casas da aristocracia que eram construídas por toda parte de Vila Rica, vieram artistas, como pintores e escultores.

Em suas andanças pela comarca, Abayomi encontrou-se com um escultor mulato que lhe chamou a atenção. Este escultor trabalhava uma grande pedra, chamada de pedra-sabão, dando-lhe a forma de um profeta. Abayomi aproximou-se, sentou-se ao lado do escultor, admirando a concentração e a dedicação que dava à sua obra, a ponto de não notar a sua presença. Logo Abayomi notou o grande esforço que este homem fazia, parecia doente, tinha as mãos e os pés deformados e movimentava-se com muita dificuldade.

Em dado momento, suado e cansado, o escultor parou para descansar. Foi quando Abayomi dirigiu-lhe a palavra:

- Senhor, que linda obra está ficando. Parece um dos profetas que vi na Bíblia Sagrada! O senhor não quer que eu lhe trague água?

Desconcentrando-se de sua obra o escultor parou. Era um homem pardo-escuro, de estatura baixa, corpo cheio e deformado, rosto redondo, cabeça volumosa, cabelo preto encaracolado, barba cerrada, testa larga, nariz pontiagudo, beijos grossos, orelhas grandes, pescoço curto. Era uma figura que assustava à primeira vista. Com sua voz forte e tom mal humorado, respondeu a Abayomi:

- Escravo, o que fazes aqui? Deixe-me trabalhar em paz!
- Senhor, estava admirando o seu trabalho. Estou a caminho servindo o meu patrão, mas, não pude resistir e parei para vê-lo trabalhar!
- Escravos não se interessam por arte!
- Eu me interesse e sei até ler!
- Vá, eu gostaria de um pouco de água!

Para Abayomi, foi o sinal positivo dado por este estranho homem e ele saiu correndo em busca de um pouco de água refrescante.

De volta, Abayomi ajudou o escultor a levantar-se e acomodar-se no muro da escadaria. Ele bebeu água e jogou um pouco em suas mãos lavando o rosto.

- Senhor, fale-me um pouco de sua vida. Eu quero ser o seu amigo e ajudá-lo a se movimentar e carregar as suas ferramentas!
- Escravo, qual é o seu nome e para quem trabalhas?
- Eu sou Abayomi, filho de Kayla e Lutalo. Meu patrãozinho é o senhor Tomás Antonio Gonzaga.
- Já ouvi falar deste senhor Tomás, ele é o Ouvidor Geral da Comarca de Vila Rica. Bom senhor e patrão, mas um pouco rebelde e revolucionário.
- Ele é um grande poeta, senhor!
- Minha mãe também era escrava. Chamava-se Isabel. Trabalhava para um arquiteto português chamado Manuel Francisco Lisboa. Este é o meu pai. Meu nome completo é Antônio Francisco Lisboa. Eu nasci em 29 de agosto de 1730. Mas, hoje eu perdi meu nome. Todos me chamam de Aleijadinho.

- Aleijadinho! Então vossa mercê é o famoso Aleijadinho!

Emocionado, Abayomi pegou na mão deste homem e a beijou carinhosamente, solicitando sua benção. Já havia ouvido falar do mestre Aleijadinho e tinha visto várias de suas obras espalhadas pela cidade.

- Deram-me este nome pela doença que está me consumindo. Como você viu, mal posso trabalhar e andar.

- Como vossa mercê aprendeu a esculpir tão maravilhosamente bem? Perguntou Abayomi curioso.

- Meu pai já era um grande arquiteto e eu sempre me interessei pelo que ele fazia. Sempre gostei de estudar desenho e arquitetura. Aprendi muito com outros escultores das cidades onde trabalhei. Gosto de projetar as fachadas das igrejas, especialmente as torres com sinos. Gosto de desenhar frontões, entalhar as portadas, os púlpitos, os retábulos, os lavabos das sacristias. Mas, o que mais me fascina é esculpir os santos e os profetas.

- Escravo, obrigado pela água, mas, chega de conversa. Preciso continuar este trabalho!

- Senhor, porque usa esta capa preta? Isto não lhe aumenta o calor?

- Esta capa é para me proteger do sol, alivia as minhas dores!

Enquanto Aleijadinho retorna à sua criação, Abayomi continuou parado ao seu lado e admirando a maravilha de seu trabalho. Percebeu como Aleijadinho dava vida às suas estátuas, pelos detalhes que dava, como as numerosas dobras nas roupas, cabelos e barbas, possibilitando um jogo de luz nas saliências e reentrâncias. A fisionomia transmitia emoções, como dramaticidade, tranquilidade, severidade.

Ele se emocionava de ver aquele homem de aparência e comportamento rudes, com a capa preta que agravava a sua imagem, fazendo um esforço descomunal para segurar as ferramentas com as quais talhavam as suas esculturas. Algumas eram presas aos seus pulsos por laços, uma vez que não as podia segurar nas mãos deformadas e corroídas pela doença.

Não demorou muito para Abayomi e Aleijadinho se tornarem bons amigos e, sempre que podia, Abayomi o acompanhava em seus trabalhos, durante as viagens e ausências do senhor Tomás, pelas igrejas e outros locais onde esculpia e instalava suas obras.



Abayomi carregava suas pesadas ferramentas, os seus suprimentos e o ajudava a locomover-se.

Sempre rabugento Aleijadinho procurava recusar a ajuda, dizendo que sempre tinha sobrevivido sozinho e que não precisava de um escravo para ajudá-lo. Mas, logo entregava seu pesado fardo e se apoiava em Abayomi, que sorria discreta e carinhosamente, demonstrando compreensão. Em várias obras, Abayomi ajudou a esculpir, fazendo um trabalho mais simples sob o olhar atento do mestre. Assim, Abayomi aprendeu muito a arte de entalhar em madeira e pedra-sabão.

Por onde passava, Abayomi via e admirava as obras do mestre Aleijadinho, que se espalhavam por Vila Rica, São João Del Rei, Congonhas do Campo e outras cidades.

Era um verdadeiro tesouro de deslumbramento aos olhos das pessoas sensíveis, como o próprio Abayomi.

Abayomi voltou aos seus trabalhos com o senhor Tomás, recém-chegado de viagem de Portugal.

- Senhor Tomás! Que bom tê-lo de volta! Espero que tenha tido uma boa viagem à sua terra natal.

- Abayomi, temos muito trabalho pela frente. Foi uma excelente viagem, principalmente pelas ideias que eu e meus amigos estamos trazendo de lá. A Europa toda está se revoltando contra as bases do poder, do clero, da nobreza e dos soberanos. Mesmo em Portugal está havendo este clima. Critica-se a dependência de Portugal à Inglaterra, o tráfico negreiro, a política abusiva de arrecadar impostos e os excessos do clero. Muitas colônias estão em luta pela liberdade. A revolução americana já está em curso na América pela libertação da Inglaterra.

- Senhor Tomás, ouço, mas não entendo muito!

- Abayomi, tudo o que estou falando não deve ser repassado a ninguém, absolutamente ninguém! Temos um compromisso neste sentido, não?

- Certamente, patrãozinho, a boca de Abayomi estará sempre fechada para estes assuntos.

Enquanto ouvia Abayomi e nele acreditava, o senhor Tomás escrevia um bilhete para que fosse levado secretamente a uma pessoa.

- Abayomi, leve este bilhete para o meu amigo Joaquim José da Silva Xavier. Na casa ele é conhecido mais como Tiradentes. Tome o cuidado de sempre para que ninguém o perceba!

- Tiradentes, senhor?

- É, ele tem este apelido. Ele é um Dentista-Prático e tem ajudado muitas pessoas com problemas de dor de dente. Mas, não se atrase, procure pelo amigo Joaquim e lhe entregue este bilhete.

Abayomi enrolou o bilhete na forma de canudinho e o escondeu em seus cabelos encarapinhados e saiu rapidamente ao encontro do senhor Joaquim José da Silva Xavier.

Ao chegar à sua casa, um dos escravos disse que ele estava andando pela cidade e que, se tivesse pressa, deveria procurá-lo.

Assim fez Abayomi. Não tardou muito para encontrar Tiradentes na praça. Lá estava ele rodeado de pessoas, criticando o excesso de impostos, a repressão, a exploração dos escravos. As pessoas, apesar de demonstrarem concordar com Tiradentes, não se sentiam muito bem com as críticas e tinham receio de alguma reação contra eles.

- Senhor Tiradentes! Senhor Tiradentes! Tenho mensagem do senhor Tomás para vossa mercê, disse Abayomi aos ouvidos de Tiradentes.

Retirando-se do grupo, Tiradentes tomou o bilhete e, discretamente, o abriu e leu: 'Caro Amigo Joaquim, convido-o para uma reunião em minha casa amanhã, para ceia. Confirme com o meu auxiliar Abayomi. Temos muito a falar'. Tiradentes, olhando para Abayomi um pouco receoso, confirmou a presença:

- Diga ao amigo Tomás que lá estaremos para a ceia!

A ceia estava simplesmente majestosa. Kayla caprichou e usou toda a sua experiência como cozinheira. Queria que o ilustre convidado ficasse bem impressionado e o senhor Tomás muito satisfeito.

Abayomi, que permanecia em prontidão de serviço, conseguia ouvir ao longe a conversa dos dois amigos e sentiu que o assunto realmente era muito secreto, ao mesmo tempo em que sentia uma grande apreensão.

- Amigo Joaquim ... está na hora de darmos um basta a esta exploração de Portugal ... toda nossa riqueza está sendo desviada e o nosso povo dela não está se beneficiando ... os brasileiros estão sendo tratados com grande rigor e crueldade ... a justiça não está sendo feita ... as prisões estão cheias de pessoas por não servirem mais aos interesses da Coroa ... muitos estão sendo torturados e enforcados ....

- Amigo Tomás ... você já sabe sobre meus pensamentos e minhas ideias a respeito ... não dá mais para suportar ... temos que nos organizar contra esta situação ... o nosso objetivo tem que ser a libertação do Brasil do julgo de Portugal ....

- Temos outros amigos que pensam da mesma forma ... querem participar do movimento ... há uma grande revolta ... temos que nos reunir para discutir esta situação ... a insatisfação se espalha por outras cidades ... há um grande sentimento contra a Coroa no Rio de Janeiro ....

Por um momento, o senhor Tomás e Tiradentes diminuíram muito o tom de voz e Abayomi não pode ouvir mais nada, levando um susto quando Tomás se aproximou sem que ele percebesse:

- Abayomi, já está tarde. Pegue a carruagem e leve o senhor Joaquim de volta à sua casa!

No caminho, não muito longe, Abayomi aproveitou a oportunidade para conhecer melhor o grande amigo do senhor Tomás:

- Senhor Joaquim, desculpe minha ousadia, mas eu ficaria muito contente se pudesse conhecer um pouco sobre sua vida. O meu senhor Tomás o tem em grande conta!

Tiradentes estava pensativo e preocupado. Ele voltou seus olhos para Abayomi após sua pergunta, mas permaneceu calado por alguns minutos. Abayomi aquietou-se, certo de que sua curiosidade não foi apropriada para o momento.

A carruagem andou por alguns minutos, quando Tiradentes interrompeu o seu silêncio.

- Escravo, já havia notado este seu jeito curioso sobre as pessoas que cercam o amigo Tomás! Meu nome completo é Joaquim José da Silva Xavier. Nasci na Fazenda do Pombal situada na Vila de São João Del Rey em 1746. Meu pai era Almotacé na Câmara da Vila de São João Del Rey.

- Almotacé, senhor?

- Sim, ele era um inspetor de pesos e medidas que fixava o preço dos gêneros alimentícios!

- Obrigado, senhor!

- Mas, eu conheci muito pouco os meus pais. Aos onze anos eu fiquei órfão e eu fui criado pelo meu tio e padrinho Sebastião Ferreira Leitão, um excelente cirurgião-dentista. Com meu tio fiquei até os 18 anos e com ele aprendi os conhecimentos básicos de odontologista. Por isso me chamam de Tiradentes, eu sou um dentista prático. Juntamente com o meu primo Frei José Mariano da Conceição Velloso fiz os meus estudos em Mariana, quando tive a oportunidade de aprender botânica. Fiquei um tempo no convento do Rio de Janeiro ajudando o meu primo a organizar a obra Flora Fluminense. Hoje eu conheço muito sobre plantas medicinais e tenho ajudado a curar pessoas!

- Mas, lhe chamam de Alferes senhor!

- Realmente, aos 18 anos optei pela carreira das armas, alistando-me no posto de Alferes no Regimento de Cavalaria de Minas Gerais. Fui aceito e a habilidade de dentista prático me ajudou nesta fase. Assim, fui fazendo carreira militar, ajudei abrir estradas, comandeí tropas em várias missões, desenvolvi projetos de canalização de águas e novos moinhos.

- Nossa, senhor, que bonita carreira! Tenho a certeza de que não parará por aí!

Tiradentes, cansado, silenciou novamente até Abayomi deixá-lo em sua casa. De volta à casa, Abayomi esclareceu ao senhor Tomás:

- Patrãozinho, o senhor Tiradentes já está em sua casa seguro. Parecia muito cansado e preocupado!

- Abayomi, Tiradentes é uma pessoa muito especial e será muito importante para o futuro do Brasil livre!

- É, eu pude notar que ele é um homem muito ativo!

- Muito ativo, Abayomi. Ele anda por todos os lados com livros sobre a independência norte-americana e, cada vez mais, procura ler tudo que se relacione sobre este assunto de modo aberto e sem preocupação, pois está entusiasmado por este assunto. Ele fala bem e procura convencer as pessoas sobre estas ideias, andando sempre apressado e agitado! Mas, acho que ele deveria se cuidar mais!

À tarde, um arauto andava apressado pelas ruas de Vila Rica anunciando:

- A Coroa Portuguesa nomeou um novo governador para Vila Rica! D. Luís Antônio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, será o novo governador!

À noite, em casa, Abayomi ouviu a opinião do senhor Tomás sobre o novo governador:

- Este Visconde de Barbacena, Abayomi, está aqui para explorar ainda mais os brasileiros de Vila Rica a favor da Coroa Portuguesa. Ele tem ordens expressas de aplicar o alvará que vai obrigar Minas Gerais a pagar 1500 quilos de ouro por ano para a Coroa e se a arrecadação não atingisse essa cota, será, então, cobrada a derrama.

- Derrama, senhor?

- Sim! Eles chamam de derrama o imposto extra que será tirado de toda a população até completar os 1500 quilos. Ele já anunciou em reunião que a derrama, por mais odiada e temida, será cobrada em fevereiro de 1789.

Os dias que se seguiram foram de uma série de reuniões secretas e Abayomi seguia ordens do senhor Tomás para levar mensagens, vigiar a porta de entrada da casa quando se realizavam reuniões. Tinha uma lista de nomes de pessoas para que confirmasse a entrada a estas reuniões, fornecida pelo senhor Tomás, onde constavam por volta de duas dezenas de nomes, entre eles: José Álvares Maciel, Joaquim José da Silva Xavier, Alvarenga Peixoto, Padre Carlos Correia de Oliveira, Joaquim Silvério dos Reis, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga, Carlos Toledo, Coronel Abreu Vieira, Coronel Oliveira Lopes, Padre Luis Vieira da Silva, Padre Oliveira Rolim, Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. José de Resende Costa, José de Resende Costa Filho, Domingos Vidal Barbosa Lage, João Dias da Motta, José de Alvarenga Peixoto.

- Mãe Kayla! Estou muito preocupado com o patrãozinho, senhor Tomás.

- O que te preocupa Abayomi. Ele é um homem que sabe o que faz!

- Mãe, eu sei que não devo ouvir conversa dos senhores, mas posso falar somente com você! O senhor Tomás e seu amigo Joaquim José da Silva Xavier, aquele a que chamam de Tiradentes, estão falando em uma revolta para libertar o Brasil da Coroa Portuguesa. Na reunião da casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade eles decidiram a data - será no dia da derrama.

- Filhote, você não ouviu nada, não ouviu nada. Procure estar sempre ao lado do senhor Tomás!

- Mãe, na última reunião se apresentou um senhor de nome Joaquim Silvério dos Reis e ele me pareceu uma pessoa muito estranha e traiçoeira. Ele só olhava e anotava, falava pouco, não olhava as pessoas nos olhos. Acho que o senhor Tomás e senhor Joaquim não deveriam confiar nele!

Os dias que se seguiram foram de muita tristeza para Abayomi e Kayla. Pelas ruas de Vila Rica se viam muitos soldados da Coroa Portuguesa.

Os habitantes se escondiam em suas casas. Havia muito medo e correria. Tropas de soldados batiam nas portas das casas à procura de pessoas. O senhor Tomás, o senhor Joaquim José da Silva Xavier e todos os outros que participavam do movimento foram presos e os habitantes, que teimavam em ficar pelas ruas, os viram passar, acorrentados, rumo à Casa dos Contos.

De pontos isolados, alguns se atreviam a gritar: Soltem nossos amigos! Viva o Brasil livre! Fim à exploração da Coroa Portuguesa! Os soldados, imediatamente, voltavam-se procurando quem estava gritando, mas, em vão.

A casa do senhor Tomás ficou vazia e sem comando por muitos dias, até que o senhor Tomás apareceu para se despedir de Abayomi e Kayla, acompanhado de dois soldados que o escoltavam. Estava sendo obrigado a viajar para Moçambique na África e não poderia voltar mais ao Brasil.

- Abayomi, Kayla, fomos traídos por Joaquim Silvério dos Reis. Algo me dizia que não devíamos confiar nesse Judas! O nosso movimento de ver um Brasil livre fracassou! Os companheiros estão sendo presos e processados. Eu estou sendo deportado. Tiradentes está preso no Rio de Janeiro. Temo por ele e por outros. Vou ter que entregar vocês para outro

senhor. Daqui para frente não sei como será o meu destino. Vou me lembrar de vocês para sempre! Que Deus os proteja!

O senhor Tomás Antônio Gonzaga abraçou fortemente Abayomi e Kayla, num abraço que nunca tinha dado em escravo nenhum. Os três choraram e se despediram.

- Patrãozinho, o senhor será sempre o nosso dono. Quando voltar, estaremos juntos novamente!

O senhor Tomás pegou uma folha de papel e escreveu algumas linhas rapidamente.

- Abayomi, tente encontrar Marília e lhe entregue este bilhete.

- Sim, pode ter a certeza de que a senhora Marília vai receber o seu bilhete, senhor!

O senhor Tomás limitou-se a ouvir e partiu silencioso e tristemente.

Antes de enrolar o bilhete na forma de canudinho para escondê-lo entre os cabelos como costumava fazer, Abayomi se ateu para lê-lo:

‘Minha querida Marília, assim quis o Destino. Só Deus e você sabem quanto eu amo este país e quanto eu queria vê-lo livre. Você me deu o amor que é a luz da minha vida, o Brasil me deu a esperança de liberdade! Querida, guarde para sempre os nossos momentos. Vou ter que partir, mas a levarei para sempre em meu coração. Tenho a esperança ainda de poder voltar um dia e reencontrá-la. Perdoa-me se a fiz sofrer com este meu ideal. Amo-te por toda a vida. Tomás, seu Dirceu’.

No dia 21 de abril de 1792 correu a notícia na Vila Rica que Tiradentes tinha sido enforcado no Rio de Janeiro. No dia seguinte, a sua cabeça foi exposta na praça principal da vila. O seu corpo foi desmembrado e partes enviadas para as principais cidades que promoveram o movimento de libertação.

À noite, em plena madrugada, Abayomi permanecia sozinho na praça e, com lágrimas nos olhos, olhava a cabeça do amigo Tiradentes pendurada em um poste de madeira. Não acreditava no que via. Achava que isto era uma humilhação à memória de um homem tão idealista e corajoso e que queria um futuro melhor para o Brasil. Em um gesto de amor e amizade, apoderou-se corajosamente da cabeça de Tiradentes e a levou consigo.

Ao lado de uma das igrejas da cidade, a enterrou. Orou por sua alma por alguns minutos, testemunhados por uma lua cheia e milhões de estrelas que enfeitavam a fria noite. Chorando, colocou uma flor branca na improvisada sepultura e retirou-se. Nunca mais a cabeça de Tiradentes foi vista e ninguém mais soube de seu paradeiro, sendo um mistério o seu desaparecimento. Este foi um segredo que Abayomi guardou por toda a sua vida.

Kayla e Abayomi ainda permaneceram na casa do senhor Tomás por alguns dias após a sua partida. Porém, em uma tarde, foram procurados por um amigo do senhor Tomás, de quem tinha uma procuração para cuidar de seus negócios no Brasil. Um fato já era esperado por Kayla e Abayomi - sua venda para novos donos. Kayla foi vendida a outra família da comarca, continuando com os seus afazeres de cozinha.

A mesma sorte não teve Abayomi. Ele fora vendido para o dono de uma mina de ouro, a Mina da Encardideira, e passaria a trabalhar na extração de ouro. Foi a primeira vez que Abayomi sentiu na pele e na carne a dor e sofrimento da escravidão.

Esta Mina da Encardideira era formada por diversos túneis escavados que adentravam à terra. Em muitos trechos a altura não permitia um trabalho em pé, obrigando os escravos a trabalharem encurvados com grande sofrimento para as costas, provocando dores e cansaço insuportáveis.

- Escravo, qual é o seu nome? Perguntou o feitor que controlava a mina.

- Abayomi, senhor, respondeu Abayomi com a cabeça curvada para baixo, triste e com medo.

- Escravo, estas são as suas ferramentas. Cuide delas! Você está vendo estes buracos no barranco?

Abayomi olhou para uma série de buracos escavados na parede da mina, próxima à porta de entrada. Eram de tamanho de duas mãos fechadas, como um punhado. O severo feitor continuou:

- Este buraco é o seu. Ao final do dia o quero cheio de ouro em pó! Você somente sairá quando o buraco estiver cheio de ouro em pó, entendeu? Se não conseguir, nós temos meios de te mostrar como deve procurar mais ouro!



O feitor batia com o chicote em suas mãos como uma advertência a Abayomi.

Abayomi começou, assim, um trabalho bem diferente do que tinha com o senhor Tomás.

Começava o árduo trabalho ao nascer do sol e terminava com o por do sol. Trabalhando agachado, a maioria das vezes, sofria dores terríveis nas costas e nas pernas. Em alguns dias conseguia encher o seu buraco com o ouro em pó, garantindo a cota do dia. Em outros dias não conseguia.

Assim, Abayomi amargou dias de chibatadas no pelourinho e dias sem comer como castigo. Começou a pensar em fugir ou até na morte.

Lembrava-se de Lutalo e passou a compreender porque ele havia fugido. Assim foram por muitas semanas, até que um dia Abayomi conheceu um escravo muito importante que lhe dirigiu a palavra:

- Negro! Você é novo por aqui! Estou notando isto pelo seu mau jeito em lidar com a marreta e a talhadeira. Suas mãos sangram, mostram que você nunca trabalhou pesado com as mãos. Qual o seu nome?

- Abayomi, senhor!

- Não sou o seu senhor, negro não é senhor de negro!

- Perdão! Realmente eu nunca trabalhei com as mãos em serviço pesado. Eu servia o senhor Tomás. Sei ler e escrever!

- Isto aqui não vai te ajudar muito. Aqui o que conta é encher o buraco do barranco com o punhado de ouro até o fim do dia!

- Quem é vossa mercê?

- Eu sou Francisco, o Chico-Rei!

- Desculpe-me, mas porque Chico-Rei?

- Esta é uma longa e triste história. Ouça, precisamos de negros de confiança. Temos que nos unir no silêncio e no coração. Eu e os demais escravos de minha tribo estamos separando uma parte deste ouro em pó para nós. No final da tarde, misturamos uma pequena parte do ouro em pó que tiramos da terra entre os nossos cabelos. Ao chegar à senzala, lavamos

os cabelos e retiramos o ouro para guardá-lo. Você deve entrar neste esquema, Abayomi!

- Mas, isto não é um roubo?

- Roubo? Você acha que alguém poderia considerar isto um roubo? Estes feitores exploram a terra, exploram o trabalho do escravo sem nada em troca, nos maltratam quando não completamos o punhado de ouro em pó nos buracos. Não é justo que a gente fique com uma pequena parte? Não, Abayomi, isto não é roubo! Isto será a nossa liberdade!

- Pode contar com o meu trabalho, o meu silêncio e o meu coração! Comprometeu-se Abayomi.

Nos dias que se seguiram, aumentou a confiança e amizade entre Chico-Rei e Abayomi. Em uma tarde, enquanto cavavam à procura do ouro. Chico-Rei conta para Abayomi a sua história:

- Abayomi, eu vim de uma pequena aldeia africana. Em uma manhã, todos se divertiam despreocupadamente quando fomos atacados de surpresa por brancos traficantes de escravos. Toda a população jovem e sadia, inclusive o rei e sua família, foi aprisionada e trazida para o Brasil como escravos. Durante a travessia do mar, muitos escravos morreram de fome ou de doenças. Da família do chefe negro só restaram ele e um dos seus filhos. Para aliviar o peso do barco, jogaram ao mar os velhos, as mulheres e as crianças. No Brasil, fomos enviados como escravos para Vila Rica, onde o Rei-Escravo recebeu o nome de Francisco. Eu sou este rei, Abayomi!

- Ah, é por isto que lhe chamam de Chico-Rei!

- Sim Abayomi. Mas, um dia, eles vão me respeitar como um verdadeiro rei. Abayomi, nós estamos unidos. Parte deste nosso trabalho tem que ser nosso! É este ouro, Abayomi, que vai nos dar a liberdade. Acredite! Somos proibidos de entrar nas igrejas dos brancos. Este ouro, Abayomi, vai nos dar a nossa casa de Deus, uma igreja para os negros. Isto é tudo o que quero!

- Pode contar comigo, meu Rei. Sei muito bem como esconder coisas nestes meus cabelos!

Os anos se passaram. Chico-Rei, homem inteligente e trabalhador, mantinha uma verdadeira liderança entre os escravos. O ouro, paciente e corajosamente levado nos cabelos todos os dias, somava uma razoável importância, cuidadosamente guardada em um baú.

Chico-Rei comprou a alforria, ou seja, a liberdade de seu filho, depois a sua própria liberdade. Com o passar do tempo, comprou a liberdade de outros escravos. Com a fortuna que acumulou Chico-Rei arrendou a própria Mina da Encardideira, passando a explorar o ouro que ainda restava.

Chico-Rei criou um pequeno núcleo de escravos livres sob sua liderança passando a ser admirado e ter prestígio junto à aristocracia de Vila Rica. Casou-se, pela segunda vez. Neste núcleo de escravos livres, Chico-Rei voltou a ser o Rei e a sua nova esposa era chamada de Rainha e seus filhos de Príncipes.

- Abayomi, nosso maior sonho está prestes a se tornar realidade. Vamos iniciar a construção da nossa igreja, onde todos os negros poderão entrar e rezar! Ela já tem até nome - Nossa Senhora do Rosário, do Alto da Cruz do Padre Faria!

Chico Rei passou a dar quantias vultosas para a construção da igreja, que assim pode contratar artistas de renome para trabalhar sua talha, seus altares.

No núcleo que criou de escravos livres, Chico-Rei restabeleceu danças e costumes africanos. Reviveu em Minas os dias gloriosos da sua terra.

Costumava assistir anualmente, na sua igreja, à missa cantada solene, após a qual em companhia da Rainha e dos Príncipes, como eram chamados os seus filhos, e toda a Corte, saía em cortejo pelo arraial, com cetro e coroa, todos vestidos com roupas vistosas e coloridas, acompanhado por cantos e instrumentos africanos.

- Nossa igreja está ficando muito bonita, Chico - Rei! exclamava Abayomi, à medida que via a igreja sendo construída no topo de uma colina e acessível por ladeira íngreme.

A localidade era belíssima, abrangendo uma larga visão sobre a cidade, mas bastante afastada. Ao chegar ao alto da ladeira, subia-se 42 degraus de uma ampla escadaria de pedra em dois lances, fechada na base por uma grade e portão.

Em uma destas festas, Chico-Rei trouxe uma boa notícia para Abayomi:

- Abayomi, eu tenho um presente para você! Em seguida, entregou-lhe uma carta.

Abayomi pegou a carta e a leu. Por um tempo ficou calado, de cabeça baixa, lendo a carta por várias vezes. Erguendo a cabeça, voltou seus olhos negros para Chico-Rei e com lágrima nos olhos disse-lhe:

- Muito obrigado, meu Rei, muito obrigado! Esta carta de alforria, dando-me a liberdade, é o maior presente que eu poderia receber em minha vida!

- Abayomi, não é somente isto. Eu quero que você venha trabalhar em minha corte como meu escrivão. Sei que você sabe ler e escrever!

- Meu Rei, eu vou em busca de minha mãe Kayla e de meu pai Lutalo. Vou me dedicar a talhar e fazer estátuas, como o mestre Aleijadinho me ensinou! Mas, agradeço muito o seu honroso convite e espero que não se ofenda pela recusa!

- Abayomi, eu tenho ouvido falar do líder de um Quilombo, distante daqui, chamado Lutalo. Pode ser que seja o seu pai! Vá à sua procura! Em seu lugar, eu estaria fazendo a mesma coisa!

Abayomi despediu-se de Chico-Rei e de volta à senzala procurou entre as pedras o pequeno buraco onde havia escondido o bilhete do senhor Tomás para a senhora Marília e o apanhou, colocando-o nos cabelos novamente e saiu em busca de seu novo destino. Um dia teria que saldar esta dívida com o senhor Tomás.

Abayomi, livre, homem feio, forte, seguiu o seu destino – iria em busca de seu pai Lutalo, nem que tivesse que procurar quilombo por quilombo, metro a metro das terras de Minas Gerais. Mas, antes, procurou informações mais amplas a respeito dos quilombos, onde encontrá-los.

Uma busca incessante se iniciou. Não eram muitas as informações sobre os quilombos. Os senhores e a burguesia dominante evitavam falar neles e reconhecer a sua existência. Os quilombos eram ameaça aos fazendeiros e senhores de engenho e divulgar notícias deles poderia incentivar ainda mais a fuga de escravos.

Assim, Abayomi conversou com informantes, com arautos e fez pesquisa em jornais e cartas dos abolicionistas e desafortunados inconfidentes.

Em raras notícias de alguns jornais, pode ler:

‘Os quilombos representam uma ameaça não somente aos nobres fazendeiros e dignos senhores de engenho como, também, para o próprio poder público, pois estes escravos rebeldes estão se armando, assaltando fazendas da região, aterrorizando as famílias. O governo tem que tomar urgentes providências contras estes escravos bandidos e levá-los ao pelourinho até a morte’.

‘Os negros estão se organizando nos quilombos, formando poderosos agrupamentos, alimentam o ódio pelo homem branco e, no desespero, atacam pessoas inocentes nas fazendas e engenhos. Os quilombos são uma grande ameaça e os escravos querem a liberdade, como se eles pudessem viver sem o trabalho dado por nós e nossa proteção. Nós os fazendeiros e senhores de engenho não vamos ficar esperando pelas providências das autoridades. Um grupo de homens está sendo contratado, os chamados capitães do mato, para encontrar e trazer de volta estes malfeitores, vivos ou mortos’.

Em uma carta de um abolicionista a um inconfidente, Abayomi viu manifestações bem diferentes daquelas publicadas nos jornais:

‘Os quilombos estão se transformando em verdadeiras repúblicas de escravos negros fugidos das fazendas já desde os primeiros anos da escravatura. Eles fogem do pavor dos castigos a que são submetidos pelas sinhás e pelos feitores, que os condenaram a impiedosos açoites e a marcações de lacres e de ferros quentes. Eles estão se aliando cada vez mais para resistirem aos ataques dos capitães do mato. Cada negro que chega a um quilombo é considerado como de valor para o trabalho por mais abatido e rebaixado que esteja em sua dignidade, em sua vontade de liberdade, pela prepotência de seus semelhantes. Eles sonham com um mundo melhor, fogem das fazendas e engenhos procurando abrigo nos quilombos, sacudindo e desafiando o poder dos barões e senhores de engenho. Fogem da sociedade que os humilha e os esmagam, procurando expansão de sua liberdade e sentimentos, algumas vezes pagando com a própria vida. O quilombo é a parte maior do protesto dos escravos que, na aflição de liberdade, não sentia dificuldade nem hesitava em privar-se da vida para se livrar de seus sofrimentos infligidos pelos senhores e por isto só resta ao escravo a fuga para as montanhas, para os quilombos. Sem dúvida, os quilombos se tornarão em uma das grandes forças para a abolição da escravatura no Brasil’.

Abayomi preparou-se para uma longa viagem. Estava desafiado a conhecer o seu pai Lutalo, ver se estava vivo ou não. Ficava imaginando como seria o seu rosto, o que fazia, se tinha lembranças de Kayla.

Abayomi passou por muitos quilombos, onde era sempre muito bem recebido. Ficava fascinado com a vida de seus novos amigos escravos que conseguiram se organizar, construíram suas malocas, cultivavam a sua lavoura, criavam galinhas e outros animais. Tinham uma vida saudável e, o que é mais importante, eram livres.

Foi uma incansável busca pelos quilombos do Bambuí, Andaial, Sapucaí, Morro de Angola, Ibituruna, Cabaça, Luanda, Caraça, Paraopeba e muitos outros. Mas, ninguém conhecia Lutalo ou ouvira falar dele. Abayomi já tinha percorrido todos os quilombos das Minas Gerais.

Porém, quando estava quase desistindo e voltando, teve uma informação de um velho escravo que havia percorrido vários quilombos como informante e era tido como um escravo que mais conhecia quilombos nas redondezas.

- Meu jovem Abayomi, em minhas andanças pelos quilombos da Bahia, mais precisamente no quilombo Jacuípe, eu conheci um bravo escravo foragido de nome Lutalo. Ele me falou de sua fuga de uma fazenda em São João Del Rey, da esposa que deixou grávida de um filho seu, os castigos e sofrimentos aplicados e sua luta pelo ideal da libertação dos escravos.

- E ele ainda vive? Perguntou Abayomi com a voz embargada e lágrimas nos olhos.

- Vive e comanda o quilombo do Jacuípe. É um líder admirado e respeitado por todos!

Abayomi, finalmente, descobrira onde poderia estar o seu pai e entendia porque não o encontrara nas Minas Gerais. Assim, reunindo novas forças, partiu em direção à Bahia. Um fiel cavalo e um burro de carga para transporte de água e suprimentos o acompanhariam na longa viagem.

Finalmente, depois de muitos dias enfrentando muitas dificuldades e privações, Abayomi chegou ao quilombo do Jacuípe. Logo na estradinha de acesso pode notar que não era um quilombo com muitos escravos. Contara, apressadamente, em torno de 120 malocas bem construídas na simplicidade.

Mas tudo era muito bem organizado e limpo, a plantação era abundante e se via negros escravos trabalhando em toda parte. Abayomi parou em um armazém para se alimentar, dar água aos seus amigos e procurar saber a respeito do quilombo.

- Boa tarde! Eu sou Abayomi e venho das Minas Gerais. Preciso urgente de algo para comer e água para os meus amigos.

Depois de saciar a sede e comer um pedaço de pão com carne, continuou perguntando:

- Boa tarde! Eu sou Abayomi e venho das Minas Gerais. Preciso urgente de algo para comer e água para os meus amigos!

Depois de saciar a sede e comer um pedaço de pão com carne, continuou perguntando:

- É este o quilombo de Jacuípe? Como está a vida por aqui?

- Boa tarde, meu amigo das Minas Gerais. Seja bem vindo. Sim, este é o quilombo de Jacuípe. Homem, vivemos bem por aqui. Encontramos a paz no amor e respeito um com o outro, a harmonia no trabalho solidário e a esperança em nossas crenças religiosas. Você veio para ficar?

- Na verdade, eu vim em busca de Lutalo. Você o conhece?

- Quem não conhece o bom e velho Lutalo! Ele é o nosso líder. Ele apareceu por aqui há muitos anos com 18 escravos. Foi assim que começou o quilombo. Siga em frente. Você vai encontrá-lo na maloca pintada de branco na esquina, ao lado de um grande pé de cedro, onde vive com suas cachorras.

Abayomi não se continha de emoção e se preparava para o momento mais importante de sua vida. Conheceria, finalmente, o seu pai. Lentamente, deslocava-se no lombo de seu cavalo, passo a passo, admirando todas as malocas e o cotidiano do quilombo, em direção à maloca branca da esquina ao final da rua.

Mas, uma aflição o acompanhava. Seria mesmo Lutalo, o seu pai? Ou outro Lutalo, nome às vezes encontrado entre os negros escravos? E se o seu pai verdadeiro tivesse morrido em suas fugas pela vida?

Abayomi apeou de seu cavalo e em passos lentos e silenciosos se dirigiu ao pequeno portão da cerca de bambu. Sentado ao lado da maloca, deparou-se com um velho escravo negro, que aproveitava a preguiça da tarde quente, com os olhos distraídos e fixos no horizonte, fumando um pequeno cachimbo. Ao seu lado, duas pequenas cachorras lhe faziam companhia, dividindo gostosamente a preguiça da tarde.

Abayomi parou por um momento para admirar Lutalo, prestou atenção em seus cabelos brancos e encaracolados, as rugas de seu rosto, o formato de sua cabeça, o porte de seus ombros, os seus braços e comparava estes traços com os seus. Eram muito parecidos. Seus olhos não continham as lágrimas que rolavam pelo seu rosto negro e sofrido.

Notando a presença de Abayomi, Lana e Huana latiram amigavelmente, indo em sua direção.

- Quem está aí? Gritou Lutalo, interrompendo a sua gostosa preguiça.
- Sou eu, Abayomi, venho das Minas Gerais. Estou à procura de Lutalo.
- Entre, amigo. Eu sou Lutalo. Em que posso servir o jovem escravo. Está foragido? Quer abrigo e trabalho?
- Lutalo, eu sou filho de Kayla e vim de São João Del Rey das terras das Minas Gerais.

Lutalo levantou-se lentamente, fixou Abayomi fundo nos olhos e, neste momento, os dois não tinham dúvidas que pai e filho, finalmente, se encontraram. Um longo e silencioso abraço selou o encontro dos dois após muitos anos de isolamento e esquecimento.

Emocionados na alma e no coração, limpando as lágrimas que insistiam em presenciar este momento, Abayomi e Lutalo sentaram-se para conversar. E foram longas conversas, ao longo de muitos dias. Os dois tinham muito a falar. Eram vidas ricas em sofrimentos, lutas, desafios, emoções, saudades e conquistas. De vez em quando, paravam para se tocar e segurar as mãos.

Em uma das conversas, Lutalo dizia a Abayomi o seu sonho de liberdade:

- Filho, todas as noites eu tenho sonhos e visões que a nossa gente será libertada em breve, que todos serão livres para trabalhar, casar, ter os seus filhos, não sofrer mais castigos, decidir sobre a sua própria vida. Serão respeitados como semelhantes pelos brancos que pagarão um valor justo pelo seu trabalho e que os negros poderão escolher livremente os seus patrões. Tenho visões que uma princesa muito poderosa e bondosa, como uma santa, virá em nosso socorro e obrigará todos a nos dar a liberdade. E isto será feito sem mais fugas, sem mais mortes, sem mais sofrimentos.



- Pai, são sonhos e visões bonitas e eu divido com o senhor estes mesmos sonhos, apesar de achar que não será nada fácil isto acontecer. Creio que a nossa luta ainda vai continuar por muito tempo.

Lutalo ficou sabendo da vida de Kayla, que estava viva e bem, trabalhando em Vila Rica. Sentia pelo sofrimento que lhe causara com sua fuga, mas o seu ideal pela liberdade era mais forte. Sentia que esta era a sua missão, era algo que o empurrava para frente ao qual ele não podia resistir. Mas, voltaria para buscar Kayla e, se necessário, fugiria com ela para o quilombo. Receava, apenas, se Kayla queria isto ou não.

Lutalo e Abayomi voltaram para Vila Rica, fazendo toda a jornada de volta, enfrentando as mesmas dificuldades e perigos. Viajavam à noite, escondiam-se durante o dia. Depois de 12 dias, finalmente chegaram a Vila Rica.

Lá, Lutalo seguiu em busca de Kayla e Abayomi seguiu o seu caminho. Agora, completo como ser humano.

Em Vila Rica, aos poucos, Abayomi foi retomando a sua vida. Lá ele era um escravo livre e sempre se lembrava de uma missão pendente e uma dívida com o senhor Tomás - entregar o bilhete à senhora Marília.

Para ganhar algum dinheiro, Abayomi talhava algumas peças e estátuas em pedra-sabão e as vendia para garantir o seu sustento. Longe estavam de se aproximar da perfeição das obras de seu mestre Aleijadinho. Porém, eram suficientemente boas para ser compradas por pessoas de bom gosto e que queriam adornos para suas casas. Abayomi foi ganhando fama de bom artesão e muitas famílias da aristocracia de Vila Rica começaram a procurar por seus trabalhos.

A busca de Abayomi pela senhora Marília foi constante. Procurava informações em cada pessoa, em cada casa, em cada rua. Poucos falavam dela. Alguns diziam que ela ainda estava na cidade, outros que se mudara para Portugal. Mas, onde ela estava e onde morava, ninguém sabia.

Em uma tarde ensolarada, uma festa na comarca chamou a atenção de Abayomi. Ao se aproximar da multidão, Abayomi viu uma linda carruagem branca que levava Marília. Seus olhos brilhavam de encantamento. Poderia, assim, cumprir a sua promessa ao senhor Tomás. Afinal de contas, muito tempo se passou e Marília estava sem notícias.

Abayomi saiu em disparada em direção à carruagem que corria cada vez mais. Entre a multidão, empurrava um e outro, sentindo dificuldades de alcançar a carruagem que se distanciava cada vez mais.

- Senhora Marília, senhora Marília, espere, espere!

Quando mais Abayomi corria, mais a carruagem se afastava. Abayomi não entendia o que estava acontecendo.

Os cavalos criaram asas e ganharam os céus em um voo lento. Abayomi continuava gritando:

- Senhora Marília, tenho um recado do senhor Tomás para vossa mercê. Senhora Marília, por favor, espere!

A carruagem flutuava no espaço e se dirigia para o alto cada vez mais, como um balão mágico.

Abayomi, desesperado, pulava tentando alcançá-la, aos prantos.

- Senhora Marília não se vá, não se vá, por favor, por favor ....

Abayomi corria desesperadamente, suava, chorava copiosamente.

De repente, tudo escureceu. Abayomi não via mais nada. Parecia um sonho. Em segundos toda a estória de sua vida passou por sua mente e o mundo parecia girar como um pião ao redor de sua cabeça. Abayomi desmaiou.

...

O ônibus da excursão da escola já se posicionava no pátio de estacionamento do hotel, onde Júnior e seus amigos estavam hospedados e de onde deveriam embarcar de volta a São Paulo, após 5 dias de visita à cidade de Ouro Preto.

No quarto de Júnior, os amigos procuravam acordá-lo. Parece que estava tendo um pesadelo horrível. Estava suando e chorando, gritando:

- Senhora Marília não se vá, não se vá, por favor, por favor ....

Finalmente, Júnior acordou. Olhou à sua volta. Sentia como se estivesse de volta ao presente. Olhou para o seu braço, passando a mão, vendo a pele branca, não mais a pele negra de Abayomi.

Por uns momentos, continuou parado, limpando o suor de seu rosto e as lágrimas de seus olhos com as mãos, enquanto olhava os colegas da escola que procuravam ajudá-lo.

Acordara de um lindo e triste pesadelo. A visita à cidade de Ouro Preto, a história, as histórias e as lendas contadas pelos guias, o ambiente intocado da cidade, o influenciaram e o transportaram para um passado distante.

De qualquer forma, levaria muito tempo para ele esquecer Abayomi que, por um momento, viveu em sua imaginação de criança ...

A cidade de Ouro Preto, e tantas outras cidades históricas do nosso rico Brasil colonial, tem este poder mágico de nos transportar no tempo e no espaço.

Em suas ruas podemos sentir o passar das carroças e das carruagens, dos escravos e senhores. Podemos ouvir da Casa de Ópera o som dos maravilhosos espetáculos de artistas que vinham da Europa.

Podemos ouvir os cânticos religiosos vindos das dezenas de igrejas. Podemos ver o carregamento do ouro em lombo de burros com destino ao caminho real e aos portos para embarque.

Podemos ainda ouvir o arauto passar pelas ruas e gritar:

- Abayomi existe sim! Ele está no coração de todos nós que amamos a tradição de nosso país, que temos a sensibilidade de valorizar a arte e a cultura espelhadas em nossas vilas coloniais. Viva o patrimônio histórico nacional que, felizmente, protege para sempre a riqueza e a tradição de nossas vilas coloniais!

**FIM**